

Zero Hora, 28 de janeiro de 2016



O DILEMA CHINÊS



PEDRO DUTRA FONSECA

Professor titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS
pedro.fonseca@ufrgs.br

Na semana que passou, o Brasil acompanhou o dilema do Copom em elevar ou não a taxa de juros – o clássico dilema entre inflação e crescimento. Já na China, a situação é mais complicada, pois se trata de substituir um modelo exportador por outro, com prioridade no mercado interno.

O Brasil passou por situação análoga na década de 1930. Mas não foi fácil. Em 15 anos, conheceu duas ditaduras e quatro constituições. Isto que, ao contrário da China, a situação internacional contava a seu favor, pois a Grande Depressão escancarou a crise da economia cafeeira e incitou a economia a voltar-se “para dentro”. Já para a China, é mais uma opção. Embora o modelo exportador mostre perda de fôlego, logrou êxito sem paralelo, levou-a em poucos anos à categoria de potência e credora externa e gerou segmentos sociais internos favoráveis a sua manutenção. Seu crescimento repousava no arranjo institucional que mantinha o yuan desvalorizado (para exportar) e em paridade fixa com o dólar (para

assegurar credibilidade). Mas a crise atual atropelou tal âncora, pois acelerou a demanda por dólar – ainda a moeda mais segura como reserva de valor. Este, ao valorizar-se, por extensão valoriza o yuan.

A China, hoje, já perde em competitividade para vários concorrentes asiáticos, o que é grave, pois seu comércio exterior perfaz mais de 40% de seu PIB. Sua moeda já se valorizou mais de 20% nos últimos anos. O cenário provável de que o país se veja forçado a desvalorizá-la significa o abandono da âncora com o dólar, problema às pretensões de hegemonia financeira.

O dilema chinês é mais profundo do que o brasileiro, pois implica uma mudança de modelo econômico com consequências planetárias. O Brasil nunca teve propósito de protagonismo internacional desse vulto e, há umas três décadas, abandonou a pretensão de ter projeto de desenvolvimento e de ser industrialmente relevante. E, pelo andar da carroça, está ameaçado de regredir em um dos poucos pontos que contava a seu favor na análise comparativa: a democracia.